

AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO TERCEIRO CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL EM MAUÉS-AM.

Cassius Clay de Almeida Medeiros (UEA)¹

Franklin Roosevelt M. de Castro (UEA)²

Resumo: Neste artigo o objetivo foi analisar como é a abordagem em relação a Variação Linguística, em uma coleção de Livros Didáticos de Língua Portuguesa dos últimos anos do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) intitulada “Português – Linguagens” (CEREJA; COCHAR, 2015), verificando quais são as orientações e esclarecimentos sobre Variação Linguística, noções de Variações Diatópicas, Diastráticas, Difásicas e Preconceito Linguístico. Foi verificado também quais são as orientações que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Guia do Nacional do Livro Didático (PNLD) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) mencionam sobre este tema. A coleção pesquisada de Livros Didáticos de Língua Portuguesa, é utilizada por professores de uma Escola da Rede Estadual de Ensino do município de Maués. Esta pesquisa tem como referenciais teóricos: Linguística e Sociolinguística (ALKIMIM, 2001; MARTELOTTA, 2011; CEZARIO e VOTRE, 2011; Bagno 2007) e Pesquisa Sociolinguística (TARALLO, 2007) entre outros. A pesquisa se concentrou na seção “Conhecimentos Linguísticos” dos livros que abordam especificamente sobre este tema. Com base nas análises realizadas, ficou evidente que a abordagem é centralizada no livro do 6º ano. Nos demais livros, a abordagem é diminuída com alguns complementos. Desta forma, a coleção pesquisada mostra consonância em acordo com as indicações que o PCN e o BNCC informam sobre como este assunto deve ser abordado no ensino fundamental.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Livro Didático.

INTRODUÇÃO

O ensino da Língua Portuguesa (LP) na sala de aula, tem sido um tema bastante discutido e reavaliado, para se obter o objetivo de uma educação de melhor qualidade. Um elemento essencial para aplicação de seu ensino é o Livro Didático (LD), que é o objeto de estudo deste artigo. É notável que o ensino da língua materna passou por mudanças significativas ao longo dos últimos anos. Uma destas mudanças é o reconhecimento sobre a importância de se trabalhar a Variação Linguística na sala de aula. A ampliação de estudos a este tema e, posteriormente trazido para o conhecimento do aluno, se deve pela a inserção da linguística no currículo de formação acadêmica dos professores, assim como os modelos teóricos de estudos sobre a linguagem, desde a corrente estruturalista de Ferdinand de Saussure, sendo reavaliada por novas correntes teóricas como a Sociolinguística, no qual seu maior

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Leras, 8º período – UEA, NESMAU

² Professor orientador na UEA. Doutorando em Linguística na Unicamp. Mestre em Filosofia. Graduado em Letras. Graduado em Filosofia

representante é William Labov. Sua corrente linguística é chamada “Sociolinguística Variacionista”, que reconhece a heterogeneidade da língua.

Este é um tema que ainda encontra barreiras para um esclarecimento melhor nas aulas de LP. É inegável que houve grandes avanços por meio da criação de documentos para a melhoria na educação como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O primeiro possui propostas didáticas para nortear a criação dos currículos escolares (especificamente para esta pesquisa, o PCN de Língua Portuguesa, anos finais do ensino fundamental), o segundo é um guia para orientar a escolha de LD escolares pelos professores e o último é o que define as competências, habilidades e aprendizagens que os alunos devem ter em cada etapa da educação.

Mesmo com a criação destes documentos, é perceptível observar nos LD de LP o enfoque maior é no ensino da gramática normativa como manda a norma padrão, tendo em vista que a gramática possui regras que devem ser obedecidas no uso da norma culta prestigiada. Fora deste contexto, não obedecer a estas regras, considera-se falar e escrever uma LP errada. Mas, para os estudos atuais linguísticos, como a abordagem Sociolinguística, o “erro” não é nessas variedades menos prestigiadas, e sim no seu desconhecimento que ainda impera na educação gerando o preconceito linguístico.

A partir destes pontos iniciais, esta pesquisa procura investigar o tratamento que o LD de LP dá em relação a Variação Linguística. O interesse por esta pesquisa, foi a experiência acadêmica possibilitada no Estágio I (6º ao 9º do Ensino Fundamental) em uma Escola da Rede Pública de ensino no município de Maués/AM. O objetivo é analisar o tratamento que os LD destas séries abordam de acordo com as recomendações que o PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998) e BNCC (BRASIL, 2018) em relação as Variações Linguísticas, os principais tipos de Variação (Diatópica, Diastrática e Diafásica) e Preconceito Linguístico. Como fontes de pesquisa documental, foram escolhidos os LD de LP da coleção “Português – Linguagens” (9º edição – 2015, Editora Saraiva), dos autores Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. Esta coleção é voltada para os anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano).

Foi escolhido preferencialmente desta coleção, o LD “Manual do Professor”, por oferecer orientações didático metodológicas para o auxílio do professor. As informações e resenhas sobre esta coleção, foram obtidas por meio do PNLD 2017. Este artigo pretende contribuir com as pesquisas que vem sendo realizadas sobre o tema da sociolinguística e variação linguística, de acordo com postulados teóricos: Linguística e Sociolinguística (ALKIMIM, 2001; MARTELOTTA, 2011; CEZARIO, VOTRE, 2011; BAGNO, 2007), Pesquisa Sociolinguística (TARALLO, 2007) entre outros.

SOCIOLINGUÍSTICA: REGRAS PARA O CONVÍVIO EM SOCIEDADE

1. Sociolinguística:

A importância de uma língua é fundamental para a formação e construção de uma sociedade. Há muitas sociedades com culturas diferentes e conseqüentemente há muitas línguas diferentes também. Cada sociedade vive de acordo com suas regras para um convívio em comum acordo. A língua rege a formação destas diferentes sociedades, dando-lhes sua própria identidade. Uma sociedade que compartilha uma língua, compartilha também vários dialetos por inúmeros fatores. Esta ligação íntima entre linguagem e sociedade é o que a Sociolinguística procura explicar (ALKMIM, 2001; CEZÁRIO, VOTRE, 2011).

A linguística do século XX foi importante para reconhecer a ligação entre linguagem-sociedade, porém excluído fatores de ordem social, histórica e cultural na análise do fenômeno linguístico. Este ponto fere-se a constituição dos estudos estruturalistas iniciados por Ferdinand de Saussure com seu Curso de Linguística geral em 1916. Ele define a língua (em oposição à fala) colocando-a como objeto central de estudo. Como consequência para esta concepção, resume-se: a língua deve ser estudada em si mesma e por si mesma. Exclui-se então a relação de língua e sociedade. A esta corrente de estudos, dá-se o nome de Estruturalismo. Posteriormente, outros teóricos reconhecem que nos estudos linguísticos, não se pode excluir o fator social. Destaca-se alguns nomes europeus: Antoine Meillet, Mikhail Bakhtin, Marcel Cohen, Émile Benvenist e Roman Jakobson (ALKMIM, 2011).

Há de se destacar também uma corrente de estudos linguísticos chamada Gerativismo, criada por Noam Chomsky, com sua visão formal de língua. Para esta corrente o que interessa é a competência de um falante e ouvinte ideal. Tanto a corrente estruturalista de Saussure quanto a corrente de gerativista de Chomsky, estas desvinculam fatores históricos e sociais com a linguagem. (LE MOS, 2000). Na década de 1960, surgem estudos que ligam os fatores sociais com a linguagem. O início se deu por a um congresso organizado pelo William Bright na cidade de Los Angeles, EUA. A realização deste congresso apresentou uma reunião de pesquisas e trabalhos, de alguns dos principais teóricos tidos como referência nos estudos para compreensão entre linguagem e sociedade como: John Gumperz, Einar Haugen, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona (ALKMIM, 2011, p. 28)

Coelho (2010), diz que a partir dos estudos de diferentes teóricos na tentativa de explicar a heterogeneidade da língua, o resultado mais satisfatório se deve aos trabalhos de William Labov, mostrando um modelo capaz de descrever a influência dos fatores sociais que agem na

língua. De seus estudos sociolinguísticos, destaca-se duas obras como referência: Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística (1968) por Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog e Padrões Sociolinguísticos (1972) de autoria de Labov. A partir destes estudos, Labov delinea com sua teoria que, a variação linguística é inerente ao sistema linguístico, não um caos linguístico de forma desordenada, mas sim organizada como afirma Naro (2003, p.15) “O pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística, tal como a homogeneidade linguística, não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras”. O modelo linguístico proposto por Labov também se chama “sociolinguística quantitativa” por lidar com números e dados estatísticos” (TARALLO, 2007, p. 8). Para Cezario e Votre (2001), sua metodologia de pesquisa possui:

uma metodologia bem delimitada que fornece ao pesquisador ferramentas para estabelecer variáveis, para coleta e codificação dos dados, bem como instrumentos computacionais para definir e analisar o fenômeno variável que se quer estudar. A abordagem variacionista baseia-se em pressupostos teóricos que permitem ver regularidade e sistematicidade por trás do aparente caos da comunicação do dia a dia. Procura demonstrar como uma variante se implementa na língua ou desaparece (p. 141 - 142)

Ainda de acordo com Cezario e Votre (2001), o termo variante é usado pelos falantes para se identificar uma forma diferente utilizada na mesma língua, no qual seu significado não muda, exemplificada com a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural como variantes do presente do indicativo: “nós falamos” e “a gente fala”. Ambas as duas são aceitas na comunidade de fala, mas entre as duas estruturas “nós falamos” é considerada formal e “a gente fala” coloquial. Ainda para os autores, uma das contribuições que a pesquisa sociolinguística permite esclarecer, é a verificação que muitas formas não padrão, estas sendo consideradas erradas e com sinal de baixa escolaridade, ocorrem na fala de pessoas com o nível superior, especificamente nos momentos informais. A metodologia de análise da língua no uso real da comunicação, permite medir o número de ocorrências de uso de uma variante.

2. As variações linguísticas:

Para Monteiro (2000, p. 57) nem todos os fatos da língua estão sujeitos a variações, pois há regras gramaticais que não podem ser violadas. O sistema linguístico obedece a regras que não podem ser violadas, caso seja inferida, não haverá compreensão do enunciado. Este é um conjunto de leis internas chamadas de **invariantes**. Mas há um outro conjunto de regras que podem ser modificadas, as regras **variantes**. Esta é aplicada quando duas ou mais formas

competem entre si em um mesmo contexto, no qual a escolha depende de fatores de ordem interna (estrutural) e externa (social).

De acordo com Coelho (2010) a natureza heterogênea do sistema linguístico é resultado de duas ou mais formas de variação (variantes). Na dimensão interna da língua (estrutural ou ainda linguístico) correspondente a estrutura gramatical. Essas variações podem ser:

Lexical: palavras que são escritas de maneiras diferentes, mas possuem o mesmo significado. Ex: mandioca, macaxeira, aipim;

Fonético-Fonológico: realizações linguísticas concretas dos sons das línguas. Exemplo: o átono pós-tônico realizado como /u/ (lembru, época) e apagamento do /r/ final (brincá, fazê);

Morfofonológica, Morfológica e Morfossintática: descrição das palavras e partes constituintes (radical, afixos, desinências e morfemas). Exemplo: morfemas verbais como andá (por ‘andar’), vendê (por ‘vender’), parti (por ‘partir’) e morfossintaxe como “as menina bonita” por “as meninas bonitas”.

Sintática: organização dos elementos e não modificando o significado da oração. Exemplo: O filme a que me referi é muito bom/O filme que me referi é muito bom/O filme que me referi a ele é muito bom (construções relativas).

Discursivo: as expressões, “mas bah!”, “pô, cara, aí...”, “ôrra meu!”, “pronto”, são facilmente associadas a falantes gaúchos, cariocas, paulistas e paraibanos, respectivamente.

Há outros fatores também que fazem parte do âmbito da variação linguística, que são os fatores externos ou fatores extralinguísticos. Estes tipos de variação podem ser:

Variação diatópica – Também chamada de geográfica ou regional, possibilita a identificação da origem de fala de uma pessoa. Cada falante que pertence a uma determinada localidade (cidade, estado ou país), possui um traço marcante de fala, que permite identificar a sua origem. Na língua portuguesa por exemplo, este tipo de identificação de origem da fala de um indivíduo é possível por meio de elementos como a base de sua pronuncia e preferência de uso lexical, como os falares regionais brasileiros como o paulista, nordestino, mineiro e etc. (MAIA, 2006, p. 152 - 158)

Variação diastrática – Também chamada de social, mostra como os falantes possuem características sociais próprias que os diferenciam em sua organização na sociedade (grupos sociais). Este estudo é complexo, pois determinados fatores misturam-se. Alguns fatores de estratificação social podem ser apontados como:

1. Idade – Diversas faixas etárias identificáveis pelo vocabulário, pronuncia e tipos de construção frasal. Exemplo: Linguagem dos adolescentes e anciões.

2. Sexo: Preferência do uso de vocabulário nos gêneros masculino e feminino.

3. Profissão: as atividades profissionais com a preferência pelo vocabulário técnico específico (geralmente lexicais), recebem o nome de jargão. Exemplo: jargão médico, dos radio-amadores, carpinteiros. De caráter não técnico, menciona-se a gíria, sendo carregada de conteúdo emocional e vocabulário expressivo.

4. Posição Social: o *status* dos falantes dentro de um grupo social. Fator estreitamente relacionado aos fatores profissional e escolar.

5. Grau de escolaridade: a formação escolar do aluno e grau de domínio da gramática prescritiva como fator importante do uso do dialeto padrão.

6. Local de residência: áreas dentro uma mesma cidade ou bairros que apresentam uso próprio de vocabulário, caracterizando os membros com suas escolhas de vocabulários, expressões e gírias. (MAIA, 2006, p. 158 - 163)

Variação Situacional – Também denominada de registros ou níveis de fala, corresponde de como o falante varia sua maneira de se expressar dependendo da situação em que se encontra. Neste caso, vários traços linguísticos correlacionam-se diretamente ao contexto imediato ou situação de fala. Pode-se diferenciar algumas formas de registros como: **formal, coloquial tenso, coloquial distenso e informal**. Exemplos: **Formal** – Há os que insistem em se locupletarem em detrimento de seus pares; **Coloquial tenso** – Existem aqueles que teimam em se beneficiar em prejuízo dos demais; **Coloquial distenso** – Tem gente que não pára de se aproveitar das pessoas; **Informal** – Tem uns caras que vivem se dando bem em cima dos outros. (MAIA, 2006, p. 166 - 167)

Variação Diacrônica – Consiste na permanente transformação que ocorre com uma língua pelo seu percurso histórico. Fica evidente pelas escolhas de gerações, como o linguajar dos jovens e idosos com suas preferências vocabulares, construção frasal e até pronúncias distintas. A cada momento histórico de uma língua, podem ser encontrado dois elementos que acompanham essas transformações, o arcaísmo e neologismo. Pode se exemplificar a modificação do pronome pessoal *você* no percurso histórico: Português Colonial - *vossa mercê, vosmecê, mecê*; Português atual: *você, ocê, cê*. (MAIA, 2006, p. 167 - 169)

Para o modelo teórico proposto por Labov, o ponto de partida de estudo é a comunidade de fala. De acordo com Monteiro (2000), esclarecer a definição de comunidade é uma questão complexa pelo fato de não estabelecer limites geográficos e sociais de uma comunidade. Para estabelecer um conceito de variável linguística para o estudo sociolinguístico, deve-se compreender que duas ou mais variantes devem ter o mesmo significado. Em uma comunidade de fala, estas variantes podem receber valores distintos. Ainda de acordo Monteiro (2000, p. 63 – 66), destacam-se:

Variantes Livres e Combinatórias – as livres significam que se duas unidades linguísticas estão em um mesmo ambiente, podem ser substituídas uma pela outra sem que haja diferença no sentido referencial da palavra ou da frase. Ex: o fonema /t/ ocorrendo antes da vogal /i/ (*tia, tigela, tive*). As combinatórias se não apresentam nunca no mesmo ambiente estão em distribuição complementar. Ex: é possível pronunciar a palavra peruca de três ou mais modos diferentes, sem mudar seu significado denotativo (/peruka/, /peruka/e/piruka/)

Variantes de Prestígio - associada a um falante ou a um grupo social de status superior (classe dominante). Também chamadas de variantes padrão. Ex: a norma padrão.

Variantes Estigmatizadas - são as variantes linguísticas não valorizadas ou discriminadas. Ex: as que não se adequam com a norma não padrão (*vrido, pranta, expilicar*).

Variantes Inovadoras e Conservadoras – a inovadora é uma nova forma linguística advinda da variante não padrão que demora a ser aceita por ser estigmatizada. A conservadora é associada a variante padrão, por ser a que têm prestígio. Ex: No nível morfossintático com a formação do plural nos sintagmas nominais em que os termos sujeitos recebem a marca /s/, como “os meninos correm” (variante [s] conservadora) e “os menino correm” (variante [ø] inovadora).

O processo de pesquisa deve seguir uma ordem linear de conceitos que é a teoria, o método e o objeto, tendo que ter uma relação coesa, ordenada e lógica. O ponto inicial da pesquisa e objeto de estudo é o “fato linguístico” (TARALLO, 2007, p. 17 e 18).

Ainda de acordo com Tarallo (2007, p. 21 – 31), a pesquisa sociolinguística passa pelas seguintes etapas:

Seleção de informantes – seleção dos indivíduos que fornecerão dados, mas o objetivo principal é aprender tudo sobre a comunidade de fala ao qual eles pertencem. Segue-se alguns procedimentos específicos de escolha como: definição do universo de amostra, tamanho de estratificação da amostra e células sociais;

Metodologia de coleta de dados – observação direta da língua falada que é usada em situações naturais. A língua pesquisada é o vernáculo. Cabe ao pesquisador ter cautela na coleta de dados, pois este não pode interferir no registro, mas tem que participar diretamente criando situação chamada de *paradoxo do observador*. Para que haja uma ótima coleta de dados é necessário fazer perguntas específicas (e gravá-las) aos entrevistados, circunstância chamada de entrevista sociolinguística;

Envelope de variação – termo para o estudo sociolinguístico, com o objetivo descrição detalhada de uma variável, suas variantes nas situações em que podem ou não ocorrer.

Levantamento de questões e hipóteses – é a observação empírica que permite ao pesquisador formular questões e hipóteses para orientá-lo em sua investigação;

Codificações de dados e análise estática – ao registrar as informações necessárias, estas serão analisadas e comparadas de forma estatística. No processo de análise utiliza-se programas de computador específicos.

3. Preconceito Linguístico

De acordo com Bagno (2007) o preconceito linguístico é a visão negativa que se têm em relação as pessoas que usam as normas menos prestigiadas, sendo consideradas erradas e incorretas. As pessoas a que ele se refere, são as pessoas de classe econômica baixa ou vindas do interior e que não possuem acesso a uma boa educação. Este preconceito advém do domínio de uma elite socioeconômica que se impõe pelo uso da norma padrão, a mesma que é imposta por obrigação a ser ensinada nas escolas. Ainda de acordo com Bagno, este tipo de preconceito gera “outros preconceitos” como o preconceito socioeconômico, regional, cultural, racista e homofônico.

3. PNLD, PCN (Língua Portuguesa – Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental) e BNCC.

PNLD

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de responsabilidade do Ministério da Educação (MEC), foi criado em 1985 pelo governo federal com a função de disponibilizar de forma gratuita livros didáticos para os alunos do ensino fundamental em todo o país. Em 1995 foi implementado um novo item deste programa, a análise e a avaliação prévia do conteúdo pedagógico com a criação do Guia de Livros Didáticos (GLD), mostrando detalhadamente a sua classificação e qualidade de conteúdo para o conhecimento do professor e para melhoria do processo pedagógico. Este programa corresponde com Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, assegurando o dever do estado com a educação pública, o atendimento ao educando no ensino fundamental público, por meio de programas suplementares de material didático escolar (MENEZES; SANTOS, 2001)

Segundo o site do Ministério da Educação (MEC), o PNLD é designado a avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias e outros materiais voltados para a

educação, de forma organizada, regular e gratuita. Seu destino são as escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e outras instituições conveniadas com o poder público. Em 2017, o PNLD³ teve mais uma mudança:

O Decreto nº 9.099, de 18 de julho de 2017, unificou as ações de aquisição e distribuição de livros didáticos e literários, anteriormente contempladas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). Com nova nomenclatura, o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD também teve seu escopo ampliado com a possibilidade de inclusão de outros materiais de apoio à prática educativa para além das obras didáticas e literárias: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, materiais de reforço e correção de fluxo, materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros.

O PNLD tem em sua atuação de forma alternada em ciclos diferentes os quatro segmentos: educação infantil, anos iniciais do ensino fundamental, anos iniciais do ensino fundamental e ensino médio. Caso algum segmento não seja correspondido em um ciclo, podem receber livros complementares. Além destes segmentos, o programa atende estudantes e professores de diferentes etapas e modalidades. As compras destes materiais didáticos de domínio da Secretaria de Educação Básica (SEB), fica de responsabilidade do Fundo Nacional de Educação (FNDE).

PCN (Língua Portuguesa – Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental)

Os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) são documentos desenvolvidos por educadores, para uma reavaliação do componente curricular de ensino do médio e fundamental, com objetivos específicos que procuram igualar orientações didáticas de ensino em todo o país.

O PCN de LP (terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental) aborda que deve haver uma reflexão didático pedagógica sobre o seu ensino na escola. A LP não se restringe somente a gramática normativa. O seu uso real mostra que há inúmeras diferenças ao ser utilizado tanto na fala como escrita. Desta forma, esclarece-se que:

Embora no Brasil haja relativa unidade lingüística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades lingüísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. Não existem, portanto, variedades fixas: em um mesmo espaço social convivem mescladas diferentes variedades lingüísticas, geralmente associadas a diferentes valores sociais. (BRASIL, 1998, p. 29).

³ Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/busca-geral/318-programas-e-acoes-1921564125/pnld-439702797/12391-pnld>>. Acesso em 15 jan. 2019.

Esta citação mostra a variação linguística é presente na LP, pois possui diferenças dialetais, como a questão geográfica mencionada. Quando se aborda a variedade linguística, aborda-se também o tema preconceito linguístico, este motivado principalmente pelo fator social. Ao aprender a língua padrão, subentende-se que ela é forma correta de se falar e se escrever. Tal ideia não corresponde com as evidências que sociolinguística identifica e mostra. Com relação ao preconceito linguístico, o PCN esclarece que:

Há, isso sim, muito preconceito decorrente do valor atribuído às variedades padrão e ao estigma associado às variedades não padrão, consideradas inferiores ou erradas pela gramática. Essas diferenças não são mediatamente reconhecidas e, quando são, não são objeto de avaliação negativa. (BRASIL, 1998, p. 31)

Assim, no processo de ensino aprendizagem da língua portuguesa ao aluno, deve ficar claro que O objetivo proposto do documento é que o aluno saiba utilizar este conhecimento em relação ao uso da língua, que dependendo do contexto em que ela é usada, não existe a forma certa ou errada, mas sim o uso adequado em diferentes situações.

BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que visa regular e adequar o ensino no Brasil. Ele é um guia norteador para as aprendizagens essenciais dos alunos, que corresponde com cada uma das fases da educação básica, que são: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O BNCC não poder ser visto como um currículo, mas sim, um conjunto de orientações que ajudará as equipes pedagógicas na elaboração de currículos locais, de acordo com suas particularidades. Seu principal objetivo é de que os alunos aprendam um conjunto fundamental de conhecimentos e habilidades comuns, de acordo com sua evolução educacional. Estes direitos de aprendizagem que é assegurado aos alunos é estruturando em competências, sendo dividida em dez. (BRASIL, 2018).

Em relação ao ensino da Língua Portuguesa, especificamente nos anos finais do ensino fundamental (ressalta-se que devido a atualização do documento no de 2018, este já corresponde agora do 6º ao 9º ano), o BNCC diz que com a progressão escolar dos alunos (adolescente/jovem), estes possuem uma maior criticidade nas situações comunicativas diversas, devido as mudanças e aprofundamentos dos conhecimentos sobre a LP (BRASIL, 2018). As habilidades propostas no documento estão reunidas em quatro eixos da prática de

linguagem: leitura, produção de textos, oralidade e análise linguística/semiótica. Consequentemente do resultado de conhecimento destas habilidades, o BNCC enfoca que o aluno possa e saiba “apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro” (BRASIL, 2018, 139). E esta apropriação permitirá o aluno conhecer que a LP, possui uma multiplicidade discursiva e que esta se aplica no uso real da língua:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas (BRASIL, 2018, p. 139).

Como objeto de conhecimento sobre a variação linguística, o BNCC indica que o aluno possa ter a habilidade de: [...] Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico; [...] Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (BRASIL, 2018, p. 161). Desta forma o BNCC propõe que haja uma reflexão sobre o conhecimento e uso funcional da língua, com relação a prática de ensino da LP.

METODOLOGIA

O corpus desta pesquisa foi organizado pela coleção de LD de LP, sendo dividido em quatro volumes temáticos (6º ao 9º ano) correspondente aos últimos anos do ensino fundamental. A coleção é intitulada “Português – Linguagens” (Manual do Professor, 2015, 9ª edição reformulada) com autoria de Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães. A escolha da coleção destes livros de LP se deu pela experiência presencial do Estágio I (Ensino Fundamental), realizado em uma escola da Rede Estadual de Ensino do município de Maués/AM.

O método de pesquisa utilizado foi o dialético, pois de acordo com Fonseca (2003), consiste em exame científico de um determinado estudo, que não pode ser considerado terminado, pois precisa ser confrontado. De acordo com o autor, este método “[...] não envolve apenas questão ideológicas, mas parte para a investigação da realidade, pelo estudo de sua ação recíproca” (2003, p. 102). Quanto ao tipo de pesquisa foi a bibliográfica, pois segundo o mesmo autor este tipo de pesquisa: “[...] pode ser entendida como o desenvolvimento de um trabalho cujo o problema de pesquisa passa a exigir apenas uma abordagem teórica” (2003, p. 47).

Os procedimentos metodológicos foram divididos da seguinte maneira: Primeiro uma pesquisa bibliográfica com relação aos pressupostos teóricos sobre a Sociolinguística

Variacionista e, a relação da Variação Linguística com o ensino da Língua Portuguesa. Foram consultados os seguintes documentos do Ministério da Educação (MEC): os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD – 2017), verificando suas orientações ao tema pesquisado.

Segundo e último, foi realizada uma análise nos capítulos e seções dos livros (especificamente na análise linguística), verificando o que as obras mencionam sobre o conceito de Variação Linguística, principais tipos (Diatópica, Diastrática e Difásica) e Preconceito Linguístico. E por último foram selecionadas três atividades de cada livro da coleção para serem analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Síntese da Coleção “Português: Linguagens” pelo PNLD 2017

O guia PNLD 2017 Língua Portuguesa (Ensino Fundamental – Anos Finais) tem a função de contribuir com o docente na escolha dos livros didáticos selecionados para o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa (LP). Este corresponde a vigência de 2017 a 2019. De acordo com a equipe responsável pela avaliação das obras, a coleção “Português: Linguagens” apresentam uma boa coletânea de conteúdos com gêneros variados e temas atuais para estudos. Esta coleção apresenta os quatro grandes eixos de ensino da LP, com as seguintes propostas didáticas: leitura, produção de textos escritos, oralidade e conhecimentos linguísticos. (BRASIL, 2016).

De acordo com o guia, este informa que quanto ao eixo de ensino “Conhecimentos Linguísticos” presentes na coleção, estão estruturados nas seções “A língua em foco” e “De olho na escrita”. O objetivo do eixo “Conhecimentos Linguísticos” é “levar o estudante a refletir sobre aspectos da língua e da linguagem relevantes para o desenvolvimento tanto da proficiência oral e escrita quanto da capacidade de analisar fatos de língua e de linguagem” (BRASIL, 2016, p. 20). Em cada uma destas seções, há subseções com exercícios a serem trabalhados com os alunos.

Cada volume é de uso específico do professor, o chamado “Manual do Professor” (MP), que tem como objetivo “constituir um suporte consistente ao uso da coleção e oferece orientações didáticas e metodológicas claras, funcionais e detalhadas ao docente” (BRASIL,

2016, p. 44). Como complemento ao MP, o PNLD (2017) informa que há o “MP Multimídia” que possui dados complementares arquivados em um DVD a ser utilizado pelo professor.

2. Resumo da Coleção

A coleção intitulada “Português – Linguagens” é formada por quatro unidades temáticas, dividida em volumes que correspondem ao 6º, 7º, 8º e 9º ano do ensino fundamental. A divisão desses livros é composta da seguinte forma: quatro unidades com três capítulos cada (totalizando 12 capítulos). Toda a coleção é contemplada com MP. Todas as unidades com seus respectivos capítulos possuem: textos (com tipos diferentes de gêneros literários); uma seção voltada para o estudo dos textos; uma seção voltada para a produção de texto e uma seção voltada para os estudos linguísticos. A cada seção há exercícios para serem aplicados para os alunos resolverem.

3. Análise dos Livros Didáticos

Os dados desta pesquisa acerca da abordagem sobre a Variação Linguística (VL), principais tipos de Variação (Diatópica, Diastrática e Diafásica) e Preconceito Linguístico, mostram que são explicados com maior ênfase no Livro do 6º ano, como afirma o guia PNLD 2017, deixando bem claro que “a variação linguística é explorada de maneira mais consistente e detalhada apenas no volume 6” (BRASIL, 2016, p. 47). Quanto as atividades, estas também são mais destacadas no Livro do 6º ano, havendo poucas noções e atividades nos demais livros sobre a pesquisa do referido tema.

1. Português – Linguagens (6º ano)

No volume 1 da coleção, são abordadas as noções de VL no Capítulo 2, especificamente na seção voltada para os conhecimentos linguísticos, chamada de “A língua em foco”, com o título “As Variedades Linguísticas” (p. 39). Os autores iniciam o assunto pelo subtítulo “Construindo o Conceito”, por meio de um texto multimodal, uma tirinha de quadrinhos. Na tira são mostrados alguns tipos de VLS da LP, como as palavras “bicicleta”, “concreto” e “cardeneta” (nível lexical) e a frase “algum problema?” (nível sintático) ambas correspondentes a variação interna (conferir Anexo A – figura 1).

Esta primeira abordagem sobre a VL é seguida de algumas perguntas, para que os alunos façam uma análise e reflexão dos possíveis motivos das falas dos personagens serem diferentes da LP ensinada na escola, e que acarreta alguns preconceitos, como o social. Continuam no subtítulo “Conceituado” (página 40), explicando que é natural que a LP possua variações por fatores como a dimensão geográfica, o meio de vida social (muitas vezes desigual) e por outros tipos de fatores como idade, profissão e etc. Nesta parte os autores apresentam uma noção de que são as Variedades Linguísticas, pois “[...] são as variações que uma língua apresenta em razão das condições sociais, culturais e regionais nas quais é utilizada” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 40).

Após o conceito de VL, no subtítulo “Norma padrão e variedades de prestígio” (página 41), os autores apresentam um texto explicativo sobre o que é a norma padrão e sua ligação com variedade urbana de prestígio ou norma culta. Conceituam da seguinte forma:

“**Norma padrão** é uma referência, uma espécie de modelo ou de “lei” que normatiza o uso da língua, falada ou escrita. **Variedades urbanas de prestígio**, também conhecidas como **norma culta**, são as variedades empregadas pelos falantes urbanos mais escolarizados e de renda mais alta” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 41).

Com este conceito, explicam de forma clara e objetiva a ligação intrínseca da norma padrão com a norma culta, e que para Bagno “é o que poderíamos chamar de do *sensu comum*, *tradicional* ou *ideológico*, é aquele que tem mais ampla circulação na sociedade” (2003, p. 43). Seguindo o tema, no subtítulo “Variação linguística e preconceito social” (p. 41), os autores explicam que na LP há uma certa disputa em vários lugares do país, de quem fala melhor ou pior a língua materna, mas que para a linguística, o que é importante é a comunicação real entre os falantes. Como resultado desta disputa, ocorre o preconceito social com aqueles que não dominam a norma padrão, como pessoas de baixa escolaridade ou vindas do interior. Nota-se que os autores apresentam os conceitos de norma padrão e norma culta, mas não apresentam o conceito de norma não padrão, subentendendo-se que nessa questão, destas duas normas dominantes há a outra norma não especificada no livro, mas indicando apenas fatores que resultam nela.

Desta forma os autores apresentam uma noção de “Preconceito Linguístico”, haja vista que a sua principal causa é motivado pelo fator social, como afirma Bagno (2007, p. 15):

São essas graves diferenças de *status* social que explicam a existência, em nosso país, e um verdadeiro abismo linguístico entre os falantes das variedades não-padrão do português brasileiro — que são a maioria de nossa população — e os falantes da (suposta) variedade culta, em geral mal definida, que é a língua ensinada na escola.

Os autores ressaltam, que as pessoas que não possuem acesso a este tipo de variedade, como é explicada no quadro “Acesso às variedades de prestígio: questão de cidadania!” (p. 41), tendem a sentir-se inferiorizadas perante as que as possuem. Lembram que é um direito que essas pessoas possam ter acesso a variedade de prestígio, para que fiquem em pé de igualdade linguística e social.

No subtítulo “Falar bem é falar adequadamente” (p. 41), os autores apresentam a noção da Variação Diafásica em que o falante pode escolher uma linguagem de acordo com a situação. Utilizam uma tira em quadrinhos para exemplificar qual é a ocasião certa para se utilizar a linguagem apropriada a um determinado momento. Na história, os pais do personagem “Zezo” vão a um casamento e pedem que o filho coloque uma roupa adequada, mas o que ele faz é apenas colocar um complemento (uma gravata), não mudando de roupa, contextualizando o tema. Este assunto é complementado com perguntas para que aluno analise e reflita (conferir Anexo A – figura 2).

Na página 42, subtítulo “Tipos de variação linguística”, os autores apresentam alguns diferentes motivos para que variação na língua, os quais são: 1. Diferenças de Lugar e região (p. 42) - ocasionada por fatores geográficos, referindo-se a Variação Diatópica. Explicam também que estas “diferenças podem ser de som (pronúncia), de vocabulário e até de construções frasais” (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 42). Como exemplo mostram a “clássica” tirinha do personagem em quadrinhos Chico Bento com a fala caipira; 2. Escolaridade e classe social (p. 43) - sendo mencionada na primeira tira em quadrinhos, cujo um dos fatores é a baixa escolaridade, sendo relacionada a Variação Diastrática; 4. Diferenças históricas (p. 43) - motivada pela mudança linguística que ocorre com o tempo, relacionando-se com a Variação Diacrônica; 5. Oralidade e escrita (p. 43) - referindo-se que a língua oral é mais dinâmica que a língua escrita, sendo relacionada a Variação Difásica; 6. Formalidade e informalidade: graus de monitoramento (p. 44) - explicam que o indivíduo pode variar a sua fala dependendo do local ou situação, relacionado a Variação Diafásica. 6. A gíria (p. 44) – referindo-se a um tipo de linguagem que é usado por diferentes grupos sociais, relacionando a Variação Diastrática. Este último fator é ressaltado no quadro “Qual é a sua tribo” (p. 45), exemplificando pelo uso das gírias pelos adolescentes como sinal identificação pessoal (conferir: Anexo B – figura 1)

Na página 47, os autores apresentam um quadro “Salve o pernambucês e o cearenês!”, referindo-se a fala regional nordestina, com alguns exemplos. Este quadro é relacionado a Variação Diatópica (conferir: Anexo B – Figura 2). Na mesma página, subtítulo “As variedades linguísticas na construção do texto”, os autores apresentam um texto (uma anedota) em que a

fala de um dos personagens é escrita com a variedade não padrão. Este assunto está correlacionado com abordagem já realizada na página 41, “Variação Linguística e preconceito social”. Apresentam algumas perguntas para os alunos analisarem e refletirem.

No último item desta seção voltada relacionada à abordagem da VL, na página 49, subtítulo “Semântica e discurso”, os autores apresentam um texto jornalístico, que é uma reportagem sobre um jogador brasileiro de dupla nacionalidade e que deseja jogar por outro país. Este assunto está correlacionado com a Variação Diatópica, pois neste texto é mostrado palavras da LP, mas que possui diferentes sentidos linguísticos (semânticos) para os dois países, Brasil e Portugal (conferir: Anexo C – Figura 1).

Quanto aos exercícios selecionados, na página 69, os autores apresentam um texto, que é uma mensagem usada em *chats* de redes sociais como *Facebook* e *Skype*. A linguagem do texto é de norma não padrão, com a forma informal, correlacionada a Variação Difásica. O exercício proposto pede para os alunos identificarem uma frase que está escrita na norma padrão (conferir: Anexo C – Exercício 1). Na página 97, subtítulo “Semântica e discurso”, apresentam um texto que é uma anedota (título “verbo”). Algumas palavras usadas no texto, que são “bicicreta” e “prástico” são de norma não padrão, correlacionado a Variação Diatópica e Diastrática. O contexto do texto refere-se ao dialeto caipira. No exercício proposto (p. 98), os autores apresentam questões para os alunos identificarem a classe gramatical de algumas palavras e compara-las com as da norma não padrão (conferir: Anexo D – Exercício 1).

Na página 179, título “Produção de Texto”, subtítulo “Os gêneros digitais: e-mail, blog, twitter, comentário” os autores apresentam um texto “o e-mail” no qual os personagens trocam mensagens entre si. A linguagem utilizada é informal. Logo em seguida apresentam alguns exercícios para serem resolvidos. Na questão de N° 2, pedem para identificarem se está na norma padrão, o tipo de linguagem (coloquial, formal e informal) e se este tipo de linguagem é adequado. Junto com os exercícios, apresentam um quadro chamado “Nauw tow intndndu nd”, cuja a tradução é “Não estou entendendo nada”. Este é um tipo de linguagem utilizado por quem usa os meios de mensagens digitais (e-mail, blogs e etc.), no qual as palavras são comprimidas para dar mais dinamicidade na conversa, não sendo recomendado para gêneros não digitais, por ser inadequado (conferir: Anexo D – Imagem 1). Este exercício corresponde com a Variação Diafásica. Finalizando a análise deste volume, todos os exercícios correspondem com as noções e conceitos que os autores abordam com relação ao tema pesquisa.

2. Português – Linguagens (7º ano)

No volume 2 da coleção, página 32, os autores mostram uma tira em quadrinhos (título: “Nicolau”), no qual um dos personagens fala de forma informal, correspondente a norma não padrão, relacionada a Variação No exercício proposto N° 7, há duas questões para a comparação com forma padrão e não padrão e o contexto do uso da fala no discurso do quadrinho (conferir: Anexo E – Imagem/Exercício 1). Na página 57, na seção “A língua em foco”, subtítulo “O adverbio - Construindo um conceito”, os autores apresentam palavras da LP, mas que possuem sentidos diferentes entre Brasil e Portugal, no sentido semântico, referente a Variação Diatópica. O item N°2 do exercício, propõe uma comparação das palavras e expressões utilizadas (expresso e foguete) de qual seria o sentido semântico destas para cada um dos países (conferir: Anexo E – Exercício 2). Na página 110, apresentam uma tira em quadrinhos em que um dos personagens fala uma gíria. Este corresponde a fala informal relacionada a Variação Diastrática. No item N°4 do exercício é solicitado que os alunos identifiquem o sentido semântico da gíria, analisem as falas pela visão da norma padrão e contexto da linguagem.

3. Português – Linguagens (8° ano)

No volume 3 da coleção, página 31, os autores apresentam uma tira em quadrinhos no qual as falas dos personagens utilizam uma linguagem informal, referente a Variação Diastrática e Situacional. O exercício N°8 propõe que se reescreva duas falas escritas dos personagens que está na forma coloquial e passem para a norma padrão (conferir: Anexo F – Imagem/Exercício 1). Na página 47, seção “A língua em foco”, subtítulo “A oração sem sujeito – Construindo o conceito”, os autores mostram uma tira em quadrinhos no qual há dois tipos de fala, um na cidade (zona urbana) e outro na roça (zona rural). Este tema refere-se à Variação Diatópica. O exercício N°2 propõe que os alunos identifiquem uma palavra grafada de forma diferente pelos personagens e expliquem a diferença na sua grafia. Na página 196, seção “Passando a limpo”, há um texto cujo o título é “Alegrias”. Em uma das falas de um dos personagens, há uma linguagem informal sendo relacionado a Variação Diastrática e situacional. O exercício N°2 propõe algumas frases a serem analisadas e que se identifique em qual delas a linguagem é informal (conferir: Anexo F – Imagem/Exercício 2).

4. Português – Linguagens (9° ano)

No último volume da coleção, página 133, subtítulo “Cruzando Linguagens”, os autores apresentam dois quadros com letras de música *funk* (um na página 133 e outro na página 134).

Algumas características deste tipo de música é a informalidade com gírias na composição de suas letras. O item N°3 do exercício (p. 134) indica que seja identificado no texto a linguagem não padrão (conferir: Anexo G – Imagem 1). Na página 152, há um quadro com o título “Empréstimos e gírias”. Neste quadro os autores falam que os empréstimos de outras palavras da língua estrangeira, aumenta o vocabulário da língua portuguesa, pois estas palavras são adaptadas como futebol (*foot-ball* na língua inglesa). Relembrem o que são as gírias na linguagem. Dessa forma fere-se a dois tipos de Variação: Diastrática e Situacional.

Na página 170, subtítulo “A concordância na construção do texto”, os autores apresentam um texto com o título “Papo de índio”. A característica deste texto é a escrita com marcas de oralidade. No exercício N° 3 e 4, é solicitado para que se reescreva o texto com a concordância verbal que a norma padrão exige, analise sintaticamente uma frase em que a concordância não corresponde com norma padrão e faça reflexão sobre a rejeição social de quem fala a norma não padrão. Neste assunto, os autores fazem referência a noção de Variação Diastrática.

Na página 192, subtítulo “Semântica e discurso”, os autores apresentam algumas fotos de cartazes de manifestações políticas. Os assuntos de cada cartaz são referentes a pedidos de melhoria para a situação educacional do país. Em alguns destes cartazes, há frases que remetem a um trecho do hino nacional. Alguns cartazes apresentam uma escrita proveniente da variação não padrão, a variante menos prestigiada. Relativo a este assunto, na página 193, apresentam um exercício referente a este tema, o N° 4. Neste os autores solicitam que os alunos analisem algumas construções sintáticas e diferenciem a norma padrão e não padrão (conferir: Anexo G – Exercício 1). Este assunto é referente a Variação Diastrática

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi verificar como uma coleção de Livros Didáticos intitulada “Português – Linguagens”, explicam as noções de Variação Linguística, principais tipos de Variação (Diatópica, Diastrática e Diafásica) e Preconceito Linguístico. Esta coleção é voltada para os últimos anos do ensino fundamental (6° ao 9° ano). Foram também consultados os que os documentos oficiais (PNLD, PCN e BNCC) mencionam sobre o tema estudado.

Como o guia PNLD (2017) indica, a abordagem sobre a Variação Linguística é mais objetiva no livro do 6° ano na seção “Conhecimentos Linguísticos”. O livro do 6° ano aborda de maneira objetiva os assuntos pertinentes para o conhecimento da Variação Linguística. A cada explicação de alguns tópicos e subtítulos relacionados ao assunto, estes apresentam algumas perguntas para que os alunos respondam e reflitam sobre os fatores e causas da

Varição Linguística. Foi comprovado que os conteúdos didáticos são voltados ao uso da gramática normativa, mas que abordam alguns fatores que resulta nas diferenças do uso da Língua Portuguesa. Nota-se que é preferido iniciar este tema só nesta série, que é uma divisão entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental.

Nos demais livros pesquisados, a abordagem é bastante diminuída sobre a Varição Linguística, consultando a seção “Conhecimentos Linguísticos”. Verificou-se que nestes livros, há algumas explicações, como informações complementares e exercícios correlacionados ao assunto. Desta forma, fica nítido que com relação a abordagem sobre a Varição Linguística, é mais específica em um só volume (6º ano), ele é apenas complementado com algumas informações e exercícios correlacionados ao tema pesquisado. Os conteúdos pesquisados nesta coleção mostram-se um grande avanço para o conhecimento da heterogeneidade da língua. Tais afirmações estão em consonância do que prescrevem o PCN específico de Língua Portuguesa e o BNCC.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. A. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. v.1.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: MEC/Secretaria de educação Básica, 2018.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **PNLD 2017: língua portuguesa – Ensino fundamental anos finais** / Ministério da Educação – Secretária de Educação Básica SEB – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Brasília, DF. 2016.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2007

_____. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Português: linguagens**, 6 – 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

_____. **Português: linguagens**, 7 – 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

_____. **Português: linguagens**, 8 – 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

_____. **Português: linguagens**, 9 – 9. ed. Reform. – São Paulo: Saraiva, 2015.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário (org.) **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2011.

COELHO, Izete Lehmkuhl [et al.]. **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010

FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia científica ao alcance de todos**. 4º Edição. Manaus: Editora Valer, 2010.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem** – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbete PNLD (Programa Nacional do Livro Didático). Dicionário Interativo da Educação Brasileira** - Educabrazil. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/pnld-programa-nacional-do-livro-didatico/>>. Acesso em: 30 de abr. 2019.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.) **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007. 8 ed.

Anexo A – Figura 1

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia a tira abaixo, de Fernando Gonsales.



(Folha de S. Paulo, 3/8/2007)

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 39)

Anexo A – Figura 2

Leia esta tira, de Adão Iturrusgarai:



(Folha de S. Paulo, 13/8/2005.)

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 41)

Anexo B – Figura 1

Qual é a sua tribo?

A linguagem revela mais do que pensamentos e sentimentos. Revela também quem somos socialmente, isto é, nossa posição social, nosso grau de escolaridade, nossa timidez ou agressividade, nosso gosto cultural, o grupo ou a tribo de que fazemos parte — enfim, pela linguagem mostramos nossa forma de ser e de ver o mundo. Por isso, a língua que falamos pode tanto nos abrir quanto nos fechar portas socialmente. Na tira abaixo, por exemplo, palavras e expressões como “estamos ligados”, “só”, “mó feliz”, “10 paus” contribuem para caracterizar as personagens: jovens que se consideram “descolados” e, por isso, incorporam a gíria em sua linguagem cotidiana.



(Angeli. *Sangue bom*. São Paulo: Devir/Jacarandá, 2000. p. 37.)

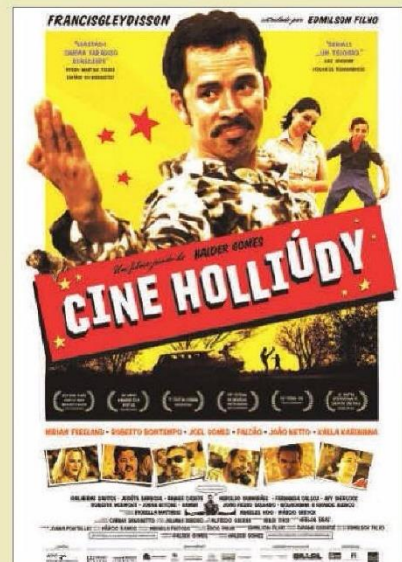
Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 45)

Anexo B – Figura 2

Salve o pernambuquês e o cearencês!

Conheça algumas das palavras e expressões usadas em Pernambuco e em outras cidades do Nordeste:

- aperreio:** preocupação, angústia
- arenga:** pequena briga
- bicado:** embriagado
- bufento:** desbotado
- danou-se:** expressão usada por alguém para indicar espanto ou anunciar que vai embora
- fuleiro** ou **peba:** fraco, sem valor, sem qualidade
- liso:** pobre ou em dificuldades financeiras
- mangar:** rir de alguém ou de algo
- mói:** grande quantidade
- munganga:** careta
- oxe:** expressão usada para indicar espanto
- pantim:** vergonha ou frescura
- rabissaca:** gesto de desdém, de dar as costas
- renca:** grupo de pessoas
- virado na catita:** alguém rápido
- xexero:** caloteiro, que não paga as contas



Cartaz do filme *Cine Hollidý*, de Halder Gomes, o primeiro filme brasileiro falado em cearencês, com legendas em português.

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 47)

Anexo C – Figura 1

SEMÂNTICA E DISCURSO

A notícia a seguir foi publicada no *site* da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), em 2/10/2013. Leia-a.

Futebolista Marquinhos admite possibilidade de representar seleção portuguesa

Lisboa, 02 out (Lusa) – O futebolista brasileiro Marquinhos, autor de um dos golos da vitória por 3-0 do Paris Saint-Germain frente ao Benfica, na segunda jornada do grupo C da Liga dos Campeões, colocou hoje a hipótese de representar a seleção portuguesa.

“Tenho nacionalidade portuguesa, tenho dupla nacionalidade, brasileira e portuguesa. Tudo tem de ser estudado, de ser analisado com o meu empresário e com a família. Se o convite [para seleção portuguesa] vier, por que não? Vou ficar muito honrado e feliz”, respondeu à SportTV quando questionado sobre a possibilidade de vir a naturalizar-se.

Marquinhos confessou ainda que teve vergonha de pedir a camisola a um dos seus ídolos, o benfiquista Luisão, e destacou a dificuldade da vitória do PSG sobre o Benfica.

“A vitória pareceu ser fácil, mas não foi. Dentro de campo tivemos de nos impor, de lutar. Só nós sabemos o que lutámos dentro de campo”, garantiu.

O Benfica foi hoje derrotado por 3-0 pelo PSG, no Parque dos Príncipes, em Paris, em jogo da segunda jornada do Grupo C da Liga dos Campeões.

AMG // NF

(Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/index.php?article=685024&tm=44&layout=158&visual=49>; Acesso em: 2/9/2013.)



Miguel Medina/AFP Photo

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 49)

Anexo C – Exercício 1

6. Leia esta mensagem:

Bm dia amor! Blz?
Vc gostou do poema q excrevi? q q é isso! Kkkkk
Meu ptgues naum eh tam bm assim, mais pratiku mto no Face e Skype.
Ih karamba: a prof tev um treko qdo leu. :D
: To cum xaudade. :*

Qual trecho abaixo está reproduzido de acordo com a norma-padrão?

- a) Bom dia, amor! Está tudo bem?
- b) Você gostou do poema que excrevi?
- c) A professora teve um treko quando leu. (gargalhada)
- d) Tô com saudade. (beijo)

Descritor: 13 – Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto.



Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 69)

Anexo D – Exercício 1

3. A professora faz a pergunta a Laura e inicialmente considera correta a resposta dela.
- a) O que a professora supôs ao ouvir a resposta de Laura? Ela supôs que Laura tivesse dito o verbo *hospedar*.
 - b) O que Laura tinha em mente quando respondeu? Ela tinha em mente o substantivo "pedar".
 - c) Quando a professora compreendeu a resposta de Laura? Somente quando Laura criou a frase "Os pedar da bicicleta é de plástico".
4. Observe as respostas dos três alunos. O que há em comum na fala dos três? Os alunos trocaram a letra / pela letra r.
5. Esse tipo de fenômeno é característico de uma variedade linguística. Que tipo de variedade, na anedota, os três alunos utilizam? Utilizam o dialeto caipira.
6. Considerando a resposta à questão anterior, você acha mais provável que a aula estivesse acontecendo em uma zona rural ou em uma zona urbana? É mais provável que estivesse acontecendo em uma zona rural. Professor; Lembre que a aula poderia também estar ocorrendo em zonas urbanas que abrigam imigrantes, onde as crianças aprendem o dialeto caipira pela convivência familiar e até pela convivência na própria comunidade.
7. Embora se intitule "Verbos", o texto não se refere a verbos. Fica em evidência outra classe de palavras, e nisso reside a graça da anedota. Qual é essa classe de palavras? A classe dos substantivos.

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 98)

Anexo D – Imagem 1

"Naum tow intndndu nd"

Para conversar pelo computador, os jovens inventaram uma linguagem, o internetês, cujo princípio é espremer o essencial de cada palavra. Vogais, por exemplo, são quase dispensáveis; acentos, raríssimos; duas consoantes normalmente viram uma, etc. Veja alguns vocábulos mais usados:

aham = sim

blz = beleza

fds = fim de semana

gnt = gente

naum = não

9dades = novidades

t+ = até mais

xops = *shopping*

O uso dessa linguagem é adequado apenas em certos gêneros da Internet, como no *e-mail*, no *blog* e em conversas nas salas de bate-papo quando há intimidade entre as pessoas. Em gêneros não digitais, o uso dessa linguagem é inadequado e, por isso, deve ser evitado.

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 181)

Anexo E – Imagem/Exercício 1



6. De acordo com o contexto, quais são as formas verbais de **obedecer** e **ter**, respectivamente, que completam de modo adequado a frase do primeiro balão da tira?
obedecia, tinha / Professor: Na norma-padrão, o verbo *obedecer* exige a preposição *a*. Se achar conveniente, comente com os alunos que a ausência da preposição na tira é uma marca de oralidade.
7. No último quadrinho, a mãe do menino emprega a forma verbal **tá**.
 - a) Na norma-padrão escrita, qual é a forma equivalente a **tá**? está
 - b) O emprego de **tá** é aceitável no contexto? Por quê? Sim, pois a personagem está numa situação informal, do cotidiano, na qual o uso de uma linguagem menos formal é aceitável.
8. Na sua opinião, expor a vida pessoal na Internet pode ser prejudicial às pessoas? Por quê?
Resposta pessoal.

32

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 32)

Anexo E – Exercício 2

2. Os versos do poema estão dispostos em duas colunas, e cada verso da primeira coluna parece se opor ao verso seguinte, da segunda coluna. Veja:

tomei um **expresso**

cheguei de **foguete**

As palavras **expresso** e **foguete** nomeiam a mesma coisa.

Observe as últimas palavras e expressões dos versos da coluna da esquerda e, depois, as dos versos da coluna da direita.

- a) Quais são usadas no Brasil? As da coluna da esquerda.
- b) Quais são usadas em Portugal? As da coluna da direita.
- c) Em seu caderno, faça uma lista das palavras e da expressão que têm o mesmo significado em Portugal e no Brasil. bonde – elétrico; cafezinho – bica; meias – peúgas; descarga – autoclismo; ó cara – ô pá

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 57)

Anexo F – Imagem/Exercício 1



(O Menino Maluquinho – As melhores tiras. Porto Alegre: L&PM, 1995. p. 42.)

6. O Menino Maluquinho e seus amigos vão ao cinema. No 2º quadrinho, eles opinam sobre o filme visto. Na fala das personagens aparecem três formas verbais: **adorei**, **morri**, **chorei**. Qual é o tipo de sujeito dessas formas verbais? *sujeito desinencial (eu)*
7. Há, na tira, duas orações cujos sujeitos são indeterminados. Quais são elas?
“quando afogaram ele” e “e ainda dizem que é filme de terror!”
8. A situação mostrada na tira é informal e, por isso, as personagens utilizam uma linguagem coloquial. Como ficariam as frases a seguir caso a situação exigisse o emprego da norma-padrão formal?
a) Cê viu o Jason? *Você viu o Jason?* b) “Quase chorei quando afogaram ele!” *Quase chorei quando o afogaram!*

31

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 31)

Anexo F – Imagem/Exercício 2

Leia este cartum:



(Cedraz. “A turma do Xaxado”. *Central de tiras*. São Paulo: Via Lettera, 2003. p. 64.)

1. A tira mostra atitudes diferentes diante do mesmo fenômeno. A que se deve essa diferença de atitudes?
Ao fato de o fenômeno ocorrer em regiões diferentes, com climas diferentes, e de as pessoas terem expectativas diferentes com relação à chuva.
2. Há, na tira, uma palavra que está grafada de uma forma em um quadrinho e de outra forma no outro quadrinho. Qual é essa palavra? O que explica a diferença de grafia?
É a palavra que. Ela está grafada na forma qui no segundo quadrinho para indicar um traço de pronúncia de uma variedade linguística regional.

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 47)

Anexo G – Imagem 1



Cruzando linguagens

O desejo de consumir roupas de marca, celulares sofisticados, bonés importados, etc. tornou-se a bandeira do chamado “*funk* ostentação”. Leia as seguintes letras de *funk*.

Vida é ter um Hyundai e um Hornet
10 mil pra gastar, Rolex e Juliet
Melhores kits, vários investimentos
Ai, como é bom ser top do momento.
(MC Danado, “Top do momento”)

Tá pa-ta-pa tá patrão, tá pa-ta-pa tá patrão
Tênis Nike Shox, bermuda da Oakley,
camisa da Oakley, olha a situação. [...]
(MC Guimê, “Tá patrão”)

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 133)

Anexo G – Exercício 1

4. Observe as seguintes construções:



Nós veio
Nós precisa
Nós tamos

- Em princípio, as três estão em desacordo com a norma-padrão da escrita. Entretanto, apenas duas trazem desvios em relação à concordância verbal. Quais são elas? *Nós veio* e *Nós precisa*.
- Como ficariam essas construções na norma-padrão? *Nós viemos* e *Nós precisamos*.
- Levante hipóteses: O que permite concluir que o desvio da outra forma não é também uma questão de concordância verbal? A terminação *mos*, indicadora de que foi feita a concordância com a 1ª pessoa do plural: *nós estamos*.
- Qual é o motivo, então, de essa construção estar em desacordo com a norma?
Provavelmente uma influência da fala, pois é comum suprimirmos sílabas ao falarmos, e acabamos dizendo nós tamos, em vez de nós estamos.

193

Fonte: (CEREJA; COCHAR, 2015, p. 193)